

# O BROTO TRANSPLANTADO

**RAFAELA NOGUEIRA KRÜGER**

Submetido em 10/12/2021

Aprovado em 01/02/2022

Ouçã no spotify



Normalmente, quando preparamos o nosso jardim, enchemos ele de plantas e flores de todos os tipos. Para isso, existem duas possibilidades: plantar uma semente e acompanhar todo o seu desenvolvimento naquela terra ou colocar ali, naquela mesma terra, uma muda que já iniciou o seu desenvolvimento em outro lugar, mas que agora criará raízes no seu jardim. Eu sou a segunda opção.

Quando muda, fui transplantada do centro-oeste para o nordeste. Apesar das diferenças de clima e tipo de solo, foi exatamente aqui que as minhas raízes se fincaram. Por ironia do destino, eu sou uma planta tipicamente do cerrado que facilmente se tornou caatinga. E foi no Nordeste que o mundo se tornou mundo para mim.

O meu sotaque chiado abraça facilmente o “boyzinho” enquanto acompanha por anos o desenvolvimento da calvície de um certo ponto turístico de Natal. Inclusive, esse mesmo sotaque é substituído por aquele bem mais marcado de mulher “arretada” quando o meu sangue nordestino ferve pelas minhas veias.

E eu vou crescendo. Pouco a pouco, vou descobrindo o cacto que existe dentro de mim. Enxergando a beleza dos espinhos que a vida me deu e as flores que, apesar da seca, brotam em mim. Talvez, quando cavaram um buraco na terra para plantar a semente que eu seria, erraram o meu solo ideal. Ainda bem que logo o erro cometido foi percebido e o cacto voltou para o seu sertão.

“Marminin”, “armaria” e “oxe tu me respeita”. Expressões constantes de um vocabulário que se tornou meu na medida que minhas raízes foram crescendo e se espalhando pela minha nova terra. O meu coração bate na mesma frequência que as ondas se quebram. Porque há mais nordeste em mim do que se possa imaginar. De certa forma, chega a ser estranho pensar que a minha semente não foi plantada aqui.

Eu gosto de toda essa mistura de vegetações que existem dentro de mim. Eu gosto do meu JK que cresce na “terra ardeno”, porque foi exatamente aqui que eu “escrevi meu nome na areia” e entendi que “a fé não costuma faiá”. Também foi aqui que, apesar das chances de transplantar mais uma vez a minha muda em outros lugares, eu resolvi ficar. E eu sigo assim, adubando o jardim que fui plantada e me enraizando na cidade do sol onde eu espero, um dia, ver uma rede ser amarrada em meu caule e me tornar sombra para alguém descansar junto com sua água de coco.